

O BANCÁRIO

O único jornal diário dos movimentos sociais no país

Edição Diária 8086 | Salvador, quinta-feira, 28.01.2021

Presidente Augusto Vasconcelos



BANCO DO BRASIL

Caixa precisa contratar mais empregados

Página 2*

Só resta ir à luta

Hoje, às 18h30, os funcionários do BB participam de plenária virtual para debater o desmonte.

Amanhã a luta continua. Os empregados paralisam as atividades por 24h

e protestam contra o anúncio

do banco de demitir 5 mil

funcionários e fechar 361

agências. Para intensificar

a mobilização, o Sindicato

faz ato, às 7h,

na agência do

Comércio. Página 3



Pandemia impõe desafios no mundo todo

Página 4

Agências e contratações insuficientes

Número ainda está bastante abaixo da altíssima demanda

REDAÇÃO
imprensa@bancariosbahia.org.br

O PRESIDENTE da Caixa, Pedro Guimarães, anunciou a abertura de novas agências em 51 cidades do país, além de 500 novas contratações. Mas, o número ainda é insuficiente para suprir o déficit de empregados. Nos últimos 10 anos, o banco perdeu mais de 20 mil trabalhadores por meio de sucessivos PDV (Programas

de Desligamento Voluntária). Resultado do desmonte iniciado no governo Temer, que Bolsonaro segue de forma intensa.

A Caixa precisa contratar novos empregados, urgentemente, começando pela convocação dos aprovados no último concurso público. A empresa estuda instalar novas unidades em bairros do país com população superior a 40 mil habitantes. A iniciativa é boa, mas o dia a dia dos bancários é de pressão e cobrança de metas desumanas, um alto nível de carga de trabalho e condições precárias.

A falta de trabalhadores não só agrava a jornada diária e adoce os bancários como também compromete a qualidade do atendimento à população. O Sindicato dos Bancários da Bahia tem buscado sempre apoio na luta para que a Caixa, enfim, convoque os aprovados no concurso de 2014.

NOTA DE FALECIMENTO

É com imenso pesar que o Sindicato dos Bancários da Bahia comunica o falecimento da funcionária do Itaú, *Damires Mercês Fonseca Coelho*, 30 anos, ontem. Ela era gerente *Uniclass* da agência Comércio, em Salvador.

O sepultamento da bancária aconteceu ontem, no Cemitério do Bosque da Paz. O Sindicato da Bahia se solidariza com os familiares e amigos de *Damires Fonseca Coelho*.



ANOTE AÍ

Inflação

✓ Viver no Brasil tem sido cada vez mais difícil, principalmente para a população mais pobre. O IPC-CI (Índice de Preços ao Consumidor – Classe 1) acumulou elevação de 6,30% em 2020. Entre as maiores altas do ano está a alimentação, liderando o ranking, com 15,37%.

Benefícios

✓ No governo Bolsonaro, os brasileiros sempre são largados à própria sorte. Com o fim dos benefícios emergenciais, como o auxílio e o BEm, mesmo sem o menor sinal do final da crise sanitária, tem muita família sem saber o que vai botar no prato na mesa. Apesar da gravidade da situação, o presidente não está nem aí.

Pobreza

✓ Os auxílios emergenciais evitaram que cerca de 28% da população que vive nas regiões metropolitanas brasileiras caíssem na pobreza durante a pandemia de Covid-19. Segundo pesquisa da PUC-RS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), 23 milhões de brasileiros tiveram alguma renda durante a crise causada pelo coronavírus.



Caixa precisa contratar



Bancários estão na linha de frente do atendimento

Vacinação na Caixa tem de ser urgente

O MOVIMENTO sindical aguarda posição do Ministério da Saúde sobre a vacinação dos empregados da Caixa após uma semana do ofício enviado pelas entidades representativas ao ministro Eduardo Pazuello. O documento solicita a inclusão dos trabalhadores do banco público no grupo prioritário para receber a vacina contra Covid-19.

Em meio a onda de infecções e mortes, e diante da cobrança das autoridades estaduais pelo retorno do estado de calamidade pública para a manutenção do auxílio emergencial, os trabalhadores da Caixa precisam ser vacinados. Foram os bancários os responsáveis pelo pagamento do benefício para garantir a sobrevivência de metade da população durante a pandemia.

BB reduz quadro e despesas com pessoal. Absurdo

O GOVERNO Bolsonaro lançou um Plano de Demissão Voluntária no Banco do Brasil. Ao longo de sete anos, o BB encolheu o quadro de funcionários em 18,4%, totalizando 93.190 trabalhadores a menos no número de efetivos ao final de 2019.

A instituição financeira também diminuiu os gastos com despesas de pessoal, o que não justifica mais cortes no Banco do Brasil. Em 2013, gastou R\$ 30,03 bilhões. A quantia caiu para R\$ 26,76 bilhões em 2019. Redução de 10,9%. Mas, ainda assim, o BB manteve a lucratividade alta.

O que de fato tem acontecido com a instituição financeira, desde o governo Temer, é o sucateamento da máquina pública, para no fim justificar a privatização. Com o corte na quantidade de funcionários, os serviços começam a ser precarizados, facilitando a venda para a iniciativa privada.

Estancar o desmonte

Hoje tem plenária, às 18h30, e amanhã paralisação de 24h

ALAN BARBOSA
imprensa@bancariosbahia.org.br

O SINDICATO dos Bancários da Bahia tem atuado fortemente contra o desmonte do Banco do Brasil. Para fortalecer a mobilização, a entidade conta com o apoio e participação dos funcionários do BB na plenária virtual, que acontece hoje, às 18h30, e também no ato que ocorre na agência do Comércio, amanhã, às 7h, com paralisação de 24h.

O objetivo é pressionar o governo Bolsonaro a desistir do projeto, que pretende demitir 5 mil trabalhadores, descomissionar

bancários, além de desativar 361 unidades (112 agências e 242 postos de atendimento).

Na plenária, serão debatidas estratégias contra a reestruturação e no dia do ato os bancários farão paralisação de 24h contra o desmonte do Banco do Brasil. O plano vai atrapalhar a economia de milhares de municípios, subsidiados por projetos do BB, sem contar com o prejuízo à população, sobretudo a mais carente e idosa.

O BB não passa por crise financeira. Portanto, os cortes não se justificam. Prova disso é que em meio ao anúncio da reestruturação, o banco aumentou o percentual do lucro pago aos acionistas, que agora será de 40%. O desmonte da empresa segue a cartilha de Bolsonaro, de sucatar a instituição para privatizar.

Debate sobre coronavírus e desigualdade

O IAPAZ (Instituto de Estudos e Ação Pela Paz) realiza o debate "Impacto da COVID-19 na população brasileira frente ao negacionismo e desigualdades sociais", hoje, às 17h, através da plataforma Zoom.

O debate conta com a participação do presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia, Augusto Vasconcelos, do presidente do IAPAZ e diretor do SBBA, Álvaro Gomes, da vice-presidente da IAPAZ, além da mediadora da mesa, Angela Mascarenhas. Também participam a diretora do SBBA e membro da UBM (União Brasileira de Mulheres), Graça Gomes, e o professor da UFAL (Universidade Federal de Alagoas), Fábio Guedes.



Mobilização é fundamental

Itaú e Bradesco têm as marcas mais valiosas

ITAÚ e Bradesco, que já demitiram mais de 3 mil pais e mães de família em plena pandemia de Covid-19, ocupam o pódio das marcas mais valiosas do Brasil.

O levantamento da consultoria Interbrand aponta que a marca do Itaú alcançou R\$ 37,383 bilhões em 2020 e a do Bradesco chegou a R\$ 26,293 bilhões. O Banco do Brasil, com R\$ 9,565 bilhões, ocupa a sexta posição no ranking com as 25 marcas que integram a pesquisa.

Os dados mostram que a pandemia não alterou em nada o rendimento das empresas do sistema financeiro, o setor mais lucrativo da economia do país. Para facilitar ainda mais,

Itaú e Bradesco, juntos com os demais privados, receberam socorro do governo federal no

início da crise sanitária. Os cortes com pessoal, portanto, não se justificam.



Os maiores bancos privados do Brasil demitem sem pena e responsabilidade

Desafios para reduzir desigualdades

Crise evidenciou o abismo social em todo o mundo

ANA BEATRIZ LEAL
imprensa@bancariosbahia.org.br



A PANDEMIA de Covid-19 impõe importantes desafios. Em quase um ano de crise, as desigualdades sociais e econômicas são incontestáveis. Portanto, sociedade, empresas, governos e instituições devem agir urgentemente para criar um mundo mais igualitário e sustentável.

Mas, é preciso atentar. A recuperação econômica tem de ser combinada com a responsabilidade social, com inclusão das pessoas em situação de vulnerabilidade. A reparação das desigualdades deve acontecer de maneira urgente.

Durante a pandemia, ficou ainda mais evidente a importância da ação governamental para proteger a saúde e os meios de subsistência da população. No Brasil, no entanto, o governo Bolsonaro não fez uma coisa nem outra. Negou e desdenhou da crise desde o início. Sem contar na irresponsabilidade e má vontade de ajudar os estados no combate ao vírus.

Em todo o mundo, por conta da crise no emprego, houve crescimento da pobreza e, consequentemente, da insegurança alimentar. O PMA (Programa Mundial de Alimentos das Nações Unidas) estimou que o número de pessoas que passam fome aumentaria para 270 milhões no fim de 2020, alta de 82% em comparação a 2019. De acordo com a Oxfam, isso poderia significar entre 6 mil e 12 mil pessoas morrendo a cada dia de fome.

Crise no emprego

A PANDEMIA do coronavírus gerou a perda de 11,1 milhões de postos de trabalho no Brasil. O impacto foi quase duas vezes maior do que a média mundial. Segundo a OIT (Organização Internacional do Trabalho), o país tem o 4º número mais elevado do mundo em termos absolutos e o continente americano foi a região mais afetada pela crise sanitária.

Os dados só reforçam que o governo Bolsonaro não conse-



Na crise, empresas fecham as portas

guiu controlar o vírus no país e muito menos proteger e garantir renda e emprego para os trabalhadores durante a crise.

SAQUE

Rogaciano Medeiros

GOLPE, SIM Além de comprovar a conspiração das elites para violentar a vontade popular e a Constituição, o livro de Eduardo Cunha – *Tchau, querida – O diário do impeachment* – destroça o argumento daqueles que negam o golpe jurídico-parlamentar-midiático de 2016, alegando que houve aprovação das instituições: um Parlamento subornado e um STF coagido. Está provado.

SÃO ANTAGÔNICOS Na segunda-feira acontecem as eleições para as presidências da Câmara e do Senado. Curiosamente, as notícias na mídia comercial têm sido escassas. Nas duas casas, pode-se até eleger um presidente crítico ao neofascismo bolsonarista, mas nunca que se oponha à agenda ultraliberal. Para azar do povo. Não há como combinar democracia com ultraliberalismo.

DÁ FORMIGA Hipnotizados por *fake news*, os bolsonaristas costumam dizer que o Brasil está há dois anos sem corrupção. Como gostam de se enganar! A rouboalheira no varejo reduz a repercussão na sociedade e às vezes até a torna invisível. Salvo em escândalos como agora, dos R\$ 1,8 bilhão gastos com leite condensado, chiclete, bombons e outras guloseimas. Aí dá formiga.

NA ENTOCA Bolsonaro encontrou um meio simples e rápido para manter os apoiadores acreditando que no Brasil não há corrupção. Tirou do ar o Portal da Transparência, criado em 2004, no governo Lula. A revelação sobre R\$ 1,8 bilhão gastos com supérfluos, em 2020, incluindo R\$ 15 milhões de leite condensado e R\$ 2 milhões de chiclete, irritou profundamente o presidente.

É DESAFIADOR Como a grande maioria dos bolsonaristas acredita mesmo estar cumprindo o papel de homem de bem, patriota iluminado pelos desígnios dos céus, defensor da moral e dos bons costumes, cria-se uma nuvem que o impede de enxergar o quanto o neofascismo negacionista é satânico, não humano. Um desafio para a resistência democrática. Bem complexo.

Bolsonaro quer limpar a barra

JAIR BOLSONARO nunca foi a favor do pagamento do auxílio emergencial para a população atingida pela pandemia. Mas, para tentar recuperar a popularidade, aliados do governo tentam achar formas para conseguir retomar o benefício. Em busca da reeleição em 2022, o presidente leva em consideração taxar os mais ricos e cortar gastos com servidores.

Vale lembrar que foi graças a mobilização dos movimentos sociais, que mais de 68 milhões de brasileiros receberam o benefício. A pandemia se agrava a cada dia, com o número de mortes em alta. Não tem emprego nem renda para o povo, mesmo assim Bolsonaro cortou o auxílio, único meio de sobrevivência para as camadas mais pobres.